



A força do feminino em *A ferro e fogo*

The female strenght in *A ferro e fogo*

Mariana Cardoso Marsaro¹

Ivânia Campigotto Aquino²

Resumo: Este estudo consiste numa análise de Catarina Schneider, protagonista do romance *A ferro e fogo*, de Josué Guimarães. A escolha do tema foi baseada no interesse em construir conhecimentos acerca de uma obra de grande importância para a literatura, principalmente a sul-rio-grandense, levando em consideração o assunto abordado na narrativa.

Palavras-chave: atitude, essência, persistência, colonização, formação do Estado.

Abstract: This study is about an analysis of Catarina Schneider, the main character of the romance *A ferro e fogo*, by Josué Guimarães. The choice of this topic was based on the interest of constructing knowledge around a literature masterpiece, mainly from Rio Grande do Sul, considering the topic of the narrative.

Keywords: attitude, essence, perseverance, colonization, State formation.

Introdução

O autor Josué Guimarães em seu romance, que está dividido em dois volumes, **A ferro e fogo: tempo de solidão** (1972) e **A ferro e fogo: tempo de guerra** (1975), relata o processo de ocupação de terras no estado do Rio Grande do Sul por parte dos imigrantes alemães. Colocando como linha de frente a dominação de territórios, o autor apresenta, também, o choque cultural e econômico e o envolvimento dos colonos na vida política e, posteriormente, em acontecimentos históricos que marcaram época.

Sem qualquer indício de ufanismo, o romancista Josué Guimarães trata de literatura, levando em consideração a história do seu Estado Rio Grande do Sul, porém, ele não apenas tece comentários favoráveis, enaltecendo as principais características. Josué assume, sim, uma postura crítica, de denúncia, perante a saga da colonização, mostrando o cotidiano das famílias alemãs, voltando-se para os sentimentos, desejos, costumes e objetivos desse povo,

¹ Graduanda do 8º nível do curso de Letras da Universidade de Passo Fundo.

² Professora Doutora do curso de Letras da Universidade de Passo Fundo.

sendo que eles estavam concentrados na luta pela sobrevivência em uma terra hostil, em meio a tanto sofrimento e privações.

A personagem que terá principal relevância nesta pesquisa e possuirá uma análise aprofundada a seu respeito, Catarina Schneider, é quem melhor representa a relação dos alemães com o novo mundo, por meio de sua atitude, essência e persistência, na tentativa de transformar seu povo em agentes civilizadores. Sendo a base da estrutura familiar, é ela quem toma decisões tanto no lar quanto nos negócios, responsabiliza-se por todos os afazeres domésticos, ocupando-se, assim, até das atividades que, no caso das famílias patriarcais gaúchas, seriam destinadas apenas aos homens naquela época.

Todas as tarefas qualificam-na como dedicada à família e ao trabalho, corajosa, determinada, incansável, desejosa de um futuro melhor. A partir disso, assume o papel de chefe da família alemã, mostrando-se resoluta no enfrentamento das dificuldades, sendo, por isso, participante ativa do processo de colonização do Rio Grande do Sul. Como se não bastasse sua personalidade decidida e firme em suas decisões é, às vezes, imprevisível, o que demonstra uma emancipação feminina. Assim, seu interior revela características de uma mulher capaz de aceitar e vencer os desafios impostos pela exploração da terra e pela necessária adaptação a um novo meio.

Catarina, a representação ficcional da mulher alemã gaúcha, é que demonstra toda a força, garra, coragem e vontade de vencer. Ela não tem medo de enfrentar os obstáculos, sabendo que precisa passar por dores e decepções para conseguir atingir seus objetivos, em momento algum pensa em desistir. Lutando “a ferro e fogo” por sobrevivência é que ela assume posição tão importante na narrativa, não podendo deixar de ser analisada.

A ferro e fogo: o romance da colonização alemã no Rio Grande do Sul

Os colonizadores alemães não viam mais futuro para suas famílias continuando na Alemanha. Então, como lhes foram apresentados atrativos para virem povoar os territórios sul-rio-grandenses, eles decidiram seguir as vantagens propostas e vieram para o Brasil meridional.

O representante do governo brasileiro, major Jorge Antônio Schaeffer, com o objetivo de atrair os imigrantes facilmente, oferecia aos cidadãos mais pobres dos reinos germânicos, condições extremamente favoráveis, prometendo-lhes vantagens especiais que o império havia suspenso. Entre elas, estavam o pagamento integral da passagem, a concessão gratuita de lotes de terra, o subsídio diário de 160 réis a cada colono no primeiro ano e a metade do valor no segundo e o recebimento de instrumentos de trabalho e sementes. (LANDO E BARROS apud KLAJN, 2000, p. 32) Porém, dentre todas as vantagens oferecidas aos imigrantes, certamente a que mais os convenceu a virem para o Brasil, respectivamente, ao Rio Grande do Sul, foi a possibilidade de serem proprietários de um pedaço de terra.

O primeiro contato da família Schneider com a nova terra é marcado pelo abandono e pela decepção perante o não cumprimento de promessas por parte do governo. Os alemães se sentiram explorados pelos seus próprios compatriotas, tendo que suportar a violência com que foram recebidos pelos já habitantes do território.

Os imigrantes que vieram ao Brasil caracterizaram-se por sua organização sociocultural e religiosa. Formando grupos homogêneos constituíram o seu mundo físico-social ao estilo da terra de origem, mantendo língua, costumes e organizações típicas da Alemanha. Sob o estímulo da imperatriz dona Leopoldina, da casa de Habsburgo, dom Pedro I interessou-se pela intensificação do povoamento e exploração do território sulino. Fixando os colonos a terra através de incentivos, o governo pretendia formar colônias que produzissem gêneros necessários ao consumo interno e, ainda, proteger as regiões despovoadas do Rio Grande do Sul das possíveis incursões espanholas, quilombolas e indígenas. (KLAJN, 2000, p.32)

Nas colônias do Rio Grande do Sul estava presente em maior escala a importação, em que os colonos compravam produtos vindos da Alemanha para garantir sua sobrevivência. Mas era necessário também vender para que pudessem obter lucros. Assim, os agricultores e os artesãos tiveram orientações comerciais, tornando-se bons comerciantes, agentes de trocas de

grande importância. O comércio tem suas raízes nas colônias, tendo, realmente, Catarina Schneider como uma de suas principais precursoras.

As comunicações de São Leopoldo pelo rio dos Sinos tornavam-se de fácil acesso. Portanto, os comerciantes alemães, entre eles a personagem Catarina, responsável pelos negócios da família Schneider em São Leopoldo, iam a Porto Alegre para vender seus produtos e comprar mercadorias necessárias às suas vendas. Chefiando sua pequena oficina artesanal, por meio da exploração do trabalho manual do marido Daniel Abrahão, é que a personagem inicia seu negócio comercial que se expandiu logo, percebendo aí a possibilidade de enfrentar o concorrente Gründling, responsável pela sua degradação. Então, ela passa a odiá-lo, considerando-o a única pessoa responsável pela situação de que ela e sua família estão sendo vítimas. Potencializa aquele sentimento, a tal ponto que o transforma no propulsor de sua luta pela vida e pelo desenvolvimento comercial:

Soqueou em pensamento a figura imaginária, cortou-lhe o rosto com as unhas, (...) arrancou-lhe os olhos (...) Um ódio que nunca sentira em toda a sua vida e que jamais imaginara pudesse ter. Pensou em Deus e pediu a Ele que a ajudasse a alimentar aquele ódio, dali para a frente ele passaria a ser a razão de sua vida. (*A ferro I*, p.36)

A Alemanha não encontrou grandes benefícios para investir seus capitais diretamente na região do Rio Grande do Sul. Portanto, não houve sociedades comerciais e nem empresas alemãs interessadas em uma maior exploração do território. Existia apenas uma pequena relação comercial entre os países, sendo que, quando os imigrante alemães, posteriores comerciantes de São Leopoldo, precisavam de alguma mercadoria, era feito o processo da importação.

Tal foi a participação dos imigrantes alemães e seus descendentes na organização comercial do Rio Grande do Sul. Do comércio rural, que vivia em simbiose com a agricultura, passaram para o alto comércio, que orienta a produção agrícola na colônia, a circulação e a distribuição dos bens de consumo na maior parte do Estado, através da capital. Desenvolveram diversos ramos de comércio de importação-exportação, à qual devem a sua

prosperidade. Essas firmas exercem crescente influência sobre o comércio rio-grandense: enquanto os primeiros chefes eram alemães, frequentemente voltavam à Alemanha e permaneciam alemães de coração e de fato, os de hoje são, antes de tudo, sul-rio-grandenses. Certamente, mantêm estreitas relações profissionais com a Alemanha e dedicam-lhe sincera afeição, mas participam estreitamente de todos os empreendimentos econômicos, sociais e culturais, que são, ao mesmo tempo, a medida e o arguilhão do progresso desse Estado brasileiro. Assim, fazem-se eles próprios os agentes da transformação de sua nova pátria. (ROCHE, 1969, p.466)

Como o Rio Grande do Sul possuía interesses na vinda e permanência dos alemães no Sul do país, para que pudessem formar e dar continuidade a uma camada social de pequenos proprietários, necessitava atualizar e melhorar constantemente a legislação, as normas, a estrutura burocrático-administrativa, a infra-estrutura portuária e terrestre e os contatos internacionais. Assim, tentando tornar melhor, de algum modo, a sobrevivência dos colonizadores em terras sulinas.

Vários foram os fatores que contribuíram para o sucesso da colônia de São Leopoldo, onde estava concentrada a família Schneider e seu comércio. Cada família recebeu um lote gratuito de 77 hectares, a assistência através do fornecimento de alimentos, sementes, ferramentas que, apesar do envolvimento direto da Província na Guerra Cisplatina neste período, contou com efetivo empenho do Presidente José Feliciano em fornecer o mínimo indispensável nos primeiros tempos. (MACHADO, 1999, p.20) Sendo que o principal fator de destaque foi a localização privilegiada, à margem do Rio dos Sinos e perto de Porto Alegre, facilitando o transporte fluvial e o escoamento da produção.

É difícil enumerar todos os aspectos através dos quais as populações de origem alemã contribuíram para o desenvolvimento do Estado. Poder-se-ia citar a agricultura, o comércio, as redes de navegação, as escolas, o desbravamento das matas, a fixação dos limites do Rio Grande do Sul como Estado brasileiro... Do ponto de vista social, “a entrada de imigrantes possibilitou que (...) se desse o processo de transição de mão-de-obra escrava

para a mão-de-obra livre.” (PESAVENTO, apud SCHREINER, 1996, p.47) Do ponto de vista da estrutura produtora, ocorreu a diversificação para o abastecimento do país. (SCHREINER, 1996, p.47)

O período de colonização pode ser compreendido como processo de modernização da sociedade brasileira, em que os imigrantes alemães demonstram seu amor ao trabalho e a família com total dedicação, e seriedade, respeito às autoridades são as características que os destacam. Convém ressaltar, enfim, que se tentarmos traçar uma identidade para o povo do Rio Grande do Sul, não poderemos deixar de citar a simples presença dos imigrantes alemães, sendo impossível conceber um sem o outro. O imigrante alemão tornou-se ponto essencial na definição do Estado.

Há em Josué Guimarães, portanto, três eixos que sustentam a sobrevivência do imigrante alemão no Rio Grande do Sul. O ódio de explorador, corrupto, mas tem as suas raízes no abandono a que foram relegados os primeiros imigrantes, na desilusão diante do não cumprimento das promessas que lhes foram feitas. Outro eixo reside no progresso financeiro, material, que é obtido pelo trabalho incansável de Catarina, mas também pela corrupção de Gründling, envolvido com autoridades nacionais. O terceiro eixo, base para a sobrevivência, parte da alienação e culmina com a vivência absoluta da fé religiosa, envolvida pela loucura e pela arte. Daniel Abrahão no fundo de seu poço cria obra artística do sofrimento de Cristo, mas também padece e corporifica na própria dor de sua vida as dores do Cristo crucificado. (SCHREINER, 1996, p. 100) Porém, ao longo da narrativa esses eixos vão se desfazendo.

Em *A ferro e fogo*, narrativa em 3ª pessoa, o autor concentra a ação nos próprios imigrantes, no seu ambiente de vivência, em suas casas, com suas dificuldades e angústias, na sua luta incansável para marcar presença e obter seu espaço na nova terra. Catarina Schneider mostra, por meio da mulher imbatível e corajosa, enfrentando qualquer tipo de dor, sendo violentada e não se deixando abater por isso, que representa o preço da conquista, tornando-se personagem marcante em todos os momentos de seu trajeto na narrativa do autor Josué Guimarães.

Catarina: atitude, essência e persistência

A personagem Catarina Schneider de extrema importância no romance de Josué Guimarães pode ser considerada a representação da mulher alemã durante as conquistas no território sul-rio-grandense. É através dela que o autor procura mostrar a relação do povo europeu com a nova terra: atitude, essência e persistência, na tentativa de, juntamente com sua etnia assumir posição de agentes civilizadores.

Como afirma Klajn, é difícil separar literatura e vida. Por consequência, torna-se difícil separar pessoa de personagem. (KLAJN, 2000, p.27) É através da personagem que o leitor busca sua identificação com o romance, percebe traços de sua própria vida expressos naquela história. Aí entra a questão da verossimilhança – sentimento de verdade – quando, mesmo sendo um ser fictício, a personagem transmite a idéia de verdade existencial, concreta. (ROSENFELD apud KLAJN, 2000, p.28)

De acordo com Reis, a personagem é a categoria fundamental da narrativa: “Revela-se, não raro, o eixo em torno do qual gira a ação em função do qual se organiza a economia da narrativa”; constitui um elemento estrutural indispensável do romance. (KLAJN, 2000, p.28-29) A literatura precisa de personagem, pois é a partir dela que a trama se desenvolve, que a ficção acontece. Sem ela, não existiria romance. O ser humano no seu papel de leitor assume a função de personagem, assumindo as suas características e vivendo as suas dores e satisfações, suas conquistas e tragédias, seus medos, angústias e aflições, como se fosse parte daquilo tudo.

Catarina pode ser analisada como mulher destaque da sua etnia pelo fato de ser diferente em suas características e no seu modo de ser e agir naquele tempo. As mulheres alemãs sempre fizeram parte do processo produtivo, desde o início da colonização, por meio de seus afazeres. Porém, eram submissas às ordens enviadas pelos homens, no caso pais e maridos, subordinando-se a eles. Talvez por medo do que pudesse acontecer, sem saber qual seria a punição, acostumaram-se a calar, silenciar e obedecer, simplesmente. Já Catarina, rompe com essa condição tornando-se a base da estrutura familiar, e tudo girava em torno dela. A partir do momento em que o

marido Daniel Abrahão torna-se impossibilitado, tanto física quanto mentalmente, de cuidar dos negócios e manter a família, a mulher torna-se responsável pelos cuidados e a sobrevivência de todos ao seu redor. Sempre acreditando em si mesma, tendo fé no seu potencial, ela toma conta dos negócios e da família, concretizando seus objetivos.

Demonstrando-se decidida desde o início do romance, é dela que parte a idéia de seguirem para o Chuí, bem como é ela quem toma conta da estância em meio às invasões de castelhanos e brasileiros, enquanto o marido se refugia no poço. Quando ela decide partir para São Leopoldo, mesmo sem a aprovação do marido, acaba gerenciando os negócios próprios e assumindo assuntos domésticos. Isso pode ser comprovado por tais palavras

A multiplamente violentada e humilhada Frau Catarina nada espera de homem algum: pelo contrário, alça-se a uma condição masculina para construir seu próprio mundo e ali afirmar-se, enfrentando e vencendo a seus opositores, especialmente a Gründling, para ela o grande responsável por tudo o que sofrera. (HOHLFELDT, 1997, p.69)

Na estância, a proteção da família depende dela. Ao perceber a chegada dos soldados, rapidamente ordena que o marido refugie-se no poço, preservando, assim, a vida dele, pois, devido às armas contrabandeadas que escondiam, certamente ele seria morto.

Catarina, diante dos perigos a que sua família está exposta, não hesita, entrega-se aos invasores:

Em nome da manutenção da utopia, deixa-se tomar enquanto mercadoria: é o sacrifício de seu próprio corpo e de sua pessoa que não apenas salva o marido e o filho quanto, especialmente a propriedade. E é em nome desse mesmo objetivo que, em determinado momento, ela troca (isto é, comercia) a terra em que vive por um outro espaço onde poderá desenvolver suas aptidões. É como se, perdida a pureza e a ingenuidade originais (enquanto reminiscência da origem primordial?), Catarina não possuísse mais interdições: a ela tudo está agora permitido. Tornara-se, para usar a linguagem freudiana, *tabu*, mas enquanto tal, podia-se dar ao luxo de ser entidade protetora de seus entes queridos e, ao mesmo

tempo, transformar positivamente tudo aquilo em que tocasse. (HOHLFELDT, 1997, p.70)

Como cita Rosane Maria Pietrobelli Nath,

Josué Guimarães delega à personagem Catarina o poder e a determinação de uma mulher forte e corajosa, capaz de enfrentar os piores obstáculos impostos pela vida para defender sua família e sua gente. Ela trava sua luta na solidão, age como heroína e, dentro do espaço que lhe cabe, assume sua identidade e constrói sua história, pois na época retratada, mesmo que desejasse apoio, não existia nenhum grupo feminista no qual pudesse, hipoteticamente, buscar forças. Assim, sozinha, ela constrói sua história em nome do seu bem maior: a família. (p. 93-94)

Portanto pode ser percebida a coragem da mulher alemã ao enfrentar os obstáculos sozinha, colocando em primeiro plano a família e o território em que estavam situados. A atitude dela ao negociar a terra que vive para, assim, poder em outro lugar, mostrar o seu trabalho, as suas qualidades enquanto então chefe da casa. Catarina assume todos os riscos para defender o que possui, que conquistou mediante grande esforço, desafiando a tudo e a todos.

É na mesma propriedade a qual Catarina defende de “unhas e dentes” que ela é violentada, não uma, mas várias vezes por parte dos soldados. Então,

Passa a sentir ódio e nojo, inclusive de si própria. Sujeita-se pela força, na primeira vez. Nas seguintes, não podendo reagir, deixa que as coisas aconteçam; reagindo despertaria a possível saída de Daniel Abrahão do poço e a conseqüente morte do marido pelos inimigos. Sabe que os seus violadores agem instintivamente ao se saciarem em seu corpo e não intencionam matá-la ou aos seus filhos. Em relação ao chefe da família, a punição seria inevitável. (KLAJN, 2000, p.73)

Já em São Leopoldo, Catarina inicia um negócio comercial, uma pequena oficina artesanal que acaba expandindo-se de forma rápida, com o objetivo de enfrentar, através da concorrência, o principal responsável por sua degradação, Gründling. Preocupada até com o estado absolutamente alienado do marido, após tanto tempo vivendo embaixo da terra, ela procura ocupar

Daniel Abrahão, levando em consideração suas habilidades manuais. A personagem, que guardara dentro de si tanta raiva de Gründling, pensando até em matá-lo, só diminui esse sentimento que a domina no momento em que chega para acertar as contas com o homem e o encontra carregando o caixão da esposa Sofia que havia falecido. Não bastando esse fato, o comerciante ainda “paga” toda a sua maldade com a morte do filho Albino enquanto estava na guerra. A partir desses dois fatos, Catarina se sentindo dotada de forças maiores do que ele, vendo-se mais poderosa, resigna-se ao perdão. É aí que ela percebe que sua atitude a fez se dar bem, crescer ainda mais, sendo que Gründling transfere para as suas mãos todas as posses dele, inclusive as imobiliárias. Então, o capital pelo qual ela tanto batalhara e ambicionara conseguir estava concentrado em suas mãos.

Na família Schneider, Catarina é o elemento forte, que une os membros da família, lidera e sustenta a casa, é ela quem determina os rumos a serem tomados, tudo por meio de sua essência, das suas atitudes de coragem e bravura para lidar com as grandes dificuldades encontradas pelo caminho. Em momento algum pensando em desistir, ela não demonstra fraqueza, acredita ser capaz de resolver tudo que lhe é imposto, contrariando os padrões da época da narrativa. É ela quem procura resolver a alienação ou demência do marido, acreditando ser no mesmo espaço marginalizado que ela fora violentada em meio aos ouvidos do marido, que ela poderá obter sua remissão, por iniciativa própria. É também, por sua decisão juntamente com o aval de Jacobina, que Daniel Abrahão permanece no Ferrabrás mediante os cuidados de Maurer para se curar. Todas as responsabilidades recaem sobre essa “mulher de ferro.”

É difícil definir a personagem completamente, ao todo pois:

(...) são poucas as referências quanto à caracterização física de Catarina. Entretanto esboçam o perfil de uma mulher convicta de suas decisões, vigorosa o bastante para suportar as dificuldades e as agressões a que está sujeita. É a cara redonda e forte dela que surge atrás do marido, ao escutar, curiosa, as propostas de um homem que lhes oferece sociedade em um negócio honesto e lucrativo, segundo ele. O comerciante, ao perceber o interesse da esposa de Daniel Abrahão, expõe o seu

plano de tal forma que ela não perca nenhum detalhe, exaltando-a como a “mulher moça e inteligente” (*A ferro I*, p.14), merecedora de um futuro tranqüilo para si e para a família que está prestes a aumentar. (KLAJN, 2000, p.72)

Durante os devaneios de Daniel Abrahão, quando sonha com o cheiro do pão de sua terra natal, batendo “aquela” saudade, é Catarina que mostra a realidade de volta para ele, lembrando que não adianta ficar só sonhando, esperando que algo de bom aconteça. Ela fala que não são só de sonhos que provém os pães, e sim, do esforço braçal e do trabalho árduo. Ela pensa e age como se o trabalho fosse o único modo de se atingir objetivos, acreditando que para possuir uma terra é necessário desenvolvê-la, torná-la produtiva, colhendo seus frutos posteriormente. Catarina acredita que, só assim, conseguindo um bom território para fixarem-se e obterem lucros, justificaria a vinda da família Schneider para um país estranho.

Como cita Klajn, retratando um pouco das características esperadas da mulher alemã da época, a personagem:

(...) fica conhecida como mulher “de faca na bota; Frau Catarina é o homem da casa.” (*A ferro I*, p. 156 e 160) Observa-se o preconceito em relação à mulher dessa época. Seu valor é lembrado à proporção que seu esforço se aproxima ou se iguala ao do homem; o seu trabalho não é reconhecido dentro da sua condição feminina. Catarina não se destaca por ser uma mulher que obstinadamente luta pelo bem-estar de sua família mediante a incapacidade de seu marido, e, sim, porque, dentro de uma sociedade conservadora, trabalha tanto quanto qualquer homem. (KLAJN, 2000, p.75)

É evidente a persistência, coragem, ousadia, decisão prática que podemos perceber nos gestos da personagem. Ela possui qualidades interiores que ao mesmo tempo que a ajudam a aceitar os desafios impostos pelas conquistas de territórios a fazem perceber a necessária transformação desse espaço social. Representando a segurança que possui como imigrante que supera os obstáculos, luta por sobrevivência em um ambiente hostil, diferente do que era esperado, imaginado. Persistente, Catarina vai em busca do que lhe é de direito, não gosta de ser enganada, revoltando-se quando isso acontece; é

ela quem define o papel da mulher alemã na sociedade da época, conquistando uma nova posição, através do seu próprio esforço e vontade de vencer. Por meio dessa personagem que se revela a dimensão atingida pelo trabalho feminino é que vem o posterior progresso alcançado pelos imigrantes alemães.

Mesmo estando à frente do empório e das oficinas, ela consegue dedicar-se aos afazeres domésticos e aos cuidados com a família, como se o cansaço lhe fosse proibido. Nas palavras do escritor Pozenato (1999) “seu criador a fez forte mas solitária. Ou solitária porque forte, pois nenhuma grande árvore se apóia nos arbustos que a rodeiam. Apenas para dentro de si pode chorar, em silêncio e sem testemunhas.” (POZENATO apud KLAJN, 2000, p.77-78)

Apenas após uma vida marcada por diversas privações e muito trabalho, que ela aparenta sinais de fadiga. A vontade de chorar, tantas vezes reprimida, a intenção de não deixar “entrever suas mágoas, toda a dor que escondia dos demais”, não existe mais. (*A ferro I*, p. 44) Não consegue mais reter o sofrimento de tantos anos – a sua estrutura impávida revela uma oculta suscetibilidade, “iniciando um choro abafado como não fazia há longos e longos anos”, reconhecendo que “é a velhice que chega.” (*A ferro II*, p. 203 e 216) (KLAJN, 2000, p.77)

Em determinada passagem, Catarina afirma que o sofrimento torna as pessoas melhores. Ela, como outros imigrantes alemães, foram vítimas e testemunhas de grandes violências e iniquidades. Se não vieram a ser melhores, certamente tornaram-se mais fortes, persistentes, desejosos de justiça. (KLAJN, 2000, p. 74)

Catarina Schneider já está quase blasfemando e tem um sorriso no canto da boca quando diz: “Eu não sou merecedora.” Talvez queria dizer que não merece ser ostentada sobre um pedestal, mas também que não merece ter sido eleita para suportar nos ombros todos os destinos de todas as mulheres nos tempos difíceis da colonização. O vago sorriso desaparece, no entanto. (POZENATO, ZH Cultura, 14 de agosto de 1999)

Considerações Finais

A partir dos estudos realizados pode-se chegar à conclusão de que a obra *A ferro e fogo*, de Josué Guimarães, é de extrema importância para os apreciadores de literatura gaúcha e história, pois, relacionando as duas da forma mais adequada possível, ele retrata a saga dos colonizadores alemães no Rio Grande do Sul.

Catarina, situando-se como chefe da família alemã, controlava a família, cuidava do lar e dos negócios, sendo que todas as tarefas a qualificavam como dedicada, batalhadora, determinada e sonhadora com um futuro estável para todos. É por meio dessa personagem, que merece grande destaque, considerando suas principais características: atitude, essência e persistência, que Josué Guimarães procura mostrar a relação do povo europeu com a nova terra, na tentativa de tornar-se agente civilizador tanto das terras do Chuí como de São Leopoldo. Mostrando-se sempre forte e defensora de seus ideais, enfrentando todas as adversidades que lhe eram impostas, é Catarina quem lidera o romance, sendo, portanto, o centro da narrativa e obtendo tanta importância ao longo deste estudo.

Pela forma de atuação ao longo de todo o romance, Catarina Schneider apresenta-se como diferente das mulheres gaúchas da época, que eram submissas aos maridos e geralmente trabalhavam em casa. Dotada de atitude, assumindo todos os afazeres, ela praticava muitas vezes atividades que eram próprias dos homens naquele contexto social. Ela revela-se como a mulher alemã capaz de compreender e vencer os problemas que lhe eram impostos, sendo decidida no enfrentamento dos obstáculos. Assim, representa a participação ativa do feminino no processo de colonização alemã do Rio Grande do Sul.

Bibliografia

- GUIMARÃES, Josué. **A ferro e fogo**. Porto Alegre: Sabiá, 1972. v.1 e 2.
- HOHLFELDT, Antonio. Uma perspectiva protestante da colonização do Rio Grande. In: REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel (Org.). **Josué Guimarães: o autor e sua ficção**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/EDIPUCRS, 1997.
- KLAJN, Elisa Maria. **Vidas a ferro e fogo**: um diálogo entre a história e a

literatura. Passo Fundo: UPF, 2000. MACHADO, Paulo Pinheiro. **A Política da colonização do Império**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999. NATH, Rosane Maria Pietrobelli. **Ninguém nasce mulher: torna-se mulher**. Passo Fundo: Editora IMED, 2009.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969. v.1 e 2.

SCHREINER, Renate. **Entre ficção e realidade: a imagem do imigrante alemão na literatura do Rio Grande do Sul**. Lajeado/Santa Cruz do Sul: Fates/Unisc, 1996.